



Revista Educação e (Trans)formação
Journal Education and (Trans)formation

Universidade Federal do Agreste de Pernambuco

O PROFESSOR E A INCLUSÃO DE CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA – TEA NAS SALAS DE EDUCAÇÃO INFANTIL DO MUNICÍPIO DE ARAPIRACA - AL.

Milena Silva Magalhães¹

Centro de Educação Infantil Pontes de Miranda – Arapiraca/AL

milenamagalhaes30@gmail.com

Adenize Costa Acioli²

Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL)

adenize.acioli@uneal.edu.br

Resumo: O Transtorno do Espectro Autista – TEA - está presente na sociedade através de um número expressivo de crianças diagnosticadas com TEA. Nesse sentido, os ambientes educacionais, assim como outros segmentos sociais que se voltam para esta problemática vêm procurando alternativas e estratégias de atuação que possibilitem a inclusão dessas crianças no ambiente educativo. Dentre as alternativas destaca-se o emprego de métodos de ensino adequados aos portadores de TEA. Face ao exposto a presente pesquisa discute o seguinte problema: Qual a relação entre a teoria e a prática pedagógica na inclusão de crianças com Transtorno do Espectro Autista – TEA nos Centros de Educação Infantil? Com o objetivo de analisar como professores da educação infantil lidam com a criança autista matriculada em sua sala de aula. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica e de campo. O instrumento de coleta de dados utilizado foi um questionário aplicado com quatro professoras de crianças com TEA de Centros de Educação Infantil. Para o referencial teórico desse artigo, recorreu-se as contribuições de autores como: Barbosa (2015), Fonseca (2002), Ludke (2011), Machado (2011), entre outros.

Palavras-chave: Educação Infantil. Inclusão. TEA.

¹ Pós-graduada em Psicopedagogia Institucional com Ênfase em Educação Inclusiva e Infantil pela FERA. Pós-graduada em Educação Inclusiva pela Universidade Estadual de Alagoas. Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual de Alagoas.

² Dra. Linguística aplicada – Análise do Discurso.

THE TEACHER AND THE INCLUSION OF CHILDREN WITH AUTISTIC SPECTRUM DISORDER - TEA IN CHILDHOOD EDUCATION ROOMS IN THE CITY OF ARAPIRACA - AL.

Abstract: Autism Spectrum Disorder (ASD) is present in society through a significant number of children diagnosed with ASD. In this way, educational environments, as well as other social segments that come back to this problem, seek alternative and acting alternatives that allow including these children in the educational environment. Among the alternatives, stand out the use of appropriate teaching methods for children with ASD. Given the above, this research discusses the following problem: What is the relationship between theory and pedagogical practice in the inclusion of children with Autism Spectrum Disorder – ASD in the Early Childhood Education Centers? In order to analyze how early childhood teachers deal with the autistic child enrolled in their classroom. This is a bibliographic and field research. The data collection used was a questionnaire applied with four teachers of children with ASD from Early Childhood Education Centers of Arapiraca – Al. For the theoretical framework of this article, we used contributions from authors such as: Barbosa (2015), Fonseca (2002), Ludke (2011), Machado (2011), among others.

Key words: Early Childhood Educational. Inclusion. ASD.

1. INTRODUÇÃO

A inclusão social, e com destaque a escolar, no Brasil é considerada, ainda, como algo que precisa ser bastante discutido, principalmente no que se refere às práticas educativas adotadas e desenvolvidas no ambiente escolar que se declara inclusivo. A necessidade da execução de práticas educativas é sentida e vivenciada pelas escolas e seus professores ao lidar com crianças diagnosticadas com necessidades educacionais especiais. Se tratando do TEA na primeira infância os professores têm dificuldades de trabalho, visto a ausência de condições objetivas a exemplo de capacitação, espaços, recursos didáticos e apoio profissional por parte do poder público e da família.

Geralmente crianças nessa faixa etária se encontram na educação infantil. Assim sendo, os Centros de Educação Infantil buscam desenvolver métodos que auxiliem no processo de inclusão escolar necessária ao desenvolvimento cognitivo, físico e social das crianças com diagnóstico de TEA. Nessa dinâmica é importante lembrar que a presença de profissionais capacitados para trabalhar de forma inclusiva com essas crianças é um fator determinante.

Desse modo, no que se refere à inclusão pedagógica é notório que os desafios para essa inclusão ainda perpassam as dificuldades encontradas pelos profissionais, que na sua maioria, afirmam não se sentirem preparados para trabalhar com as crianças com TEA.

Nesse sentido cabe, também, aos ambientes educativos promover e estimular os professores a participarem de constantes processos de formação continuada voltadas a discussão sobre a inclusão escolar e com especialidade sobre o TEA. É preciso que o profissional que se habilita a trabalhar com crianças dentro do espectro esteja preparado e seguro de sua prática, esta condição só é adquirida a partir de seu constante processo de formação.

Diante do que foi exposto, a pesquisa apresenta o seguinte problema: Qual a relação entre a teoria e a prática pedagógica na inclusão de crianças com Transtorno do Espectro Autista – TEA nos centros de educação infantil do município de Arapiraca – AL? A hipótese levantada é que a relação entre a teoria e a prática para a inclusão de crianças com Autismo nos Centros de Educação Infantil ainda é lento. Na maioria das vezes a prática se distancia da teoria.

Com base nesse problema e hipóteses, tem-se como objetivo geral: Analisar a inclusão de crianças com TEA nos Centros de Educação Infantil no município de Arapiraca – AL, considerando a relação entre a teoria e à prática pedagógica.

Para a realização desse artigo, foi realizada uma pesquisa bibliográfica e de campo. Onde a pesquisa bibliográfica permitiu relacionar e referenciar a base teórica com os assuntos relacionados ao tema em questão, tendo como finalidade pesquisar as contribuições científicas sobre o referido tema. Já em relação à pesquisa de campo, utilizou-se do recurso da entrevista junto a quatro professores de Centros de Educação Infantil que trabalham com crianças dentro do espectro. O referencial teórico desse artigo baseou-se nos autores: Barbosa (2015), Fonseca (2002), Ludke (2011), Machado (2011), entre outros.

Desse modo o artigo está organizado em duas partes. A primeira traz uma abordagem geral sobre inclusão, crianças com TEA e educação infantil. O segundo momento trata das discussões realizadas a partir das observações e análises dos dados da pesquisa de campo. Por fim, as considerações finais.

2. INCLUSÃO DE CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A inclusão da criança com TEA na educação infantil é a base para o sucesso escolar dos anos seguintes durante sua vida escolar. Sabe-se que a criança é um ser livre de qualquer preconceito e nela existe uma disposição maior para incluir qualquer pessoa em seu mundo. Nesse sentido, quando se é trabalhada a inclusão de crianças com TEA desde a educação

infantil, há possibilidade de a mesma conviver de forma harmônica como seus coleguinhas de classe e de escola, a partir de uma relação de trocas recíprocas. É sabido que é na educação infantil que se processa o desenvolvimento do ser humano, tendo alguma deficiência ou não, em seus diferentes aspectos.

Na sequência abaixo será destacada questões relativas à educação inclusiva da criança com deficiência, criança com TEA na educação infantil e, por fim, o processo de inclusão da criança com TEA.

2.1 A criança com TEA na educação infantil

A palavra Autismo é de origem grega (autos), que significa “por si mesmo”. Sendo um termo utilizado na Psiquiatria, para designar condutas humanas focadas em si mesmos, focadas para o respectivo cidadão. Então, o autismo não é uma doença e, sim uma síndrome, foi o psiquiatra austríaco Léo Kanner na década de 1940 que se dedicou ao estudo e à pesquisa de crianças que apresentavam características do autismo.

Já a expressão Transtorno do Espectro Autista integra as variadas nuances das circunstâncias, porém não é retratado um traço reto com modificações entre o leve e o grave. Com isso, o ingresso da criança com TEA na escola regular na educação infantil é algo atual, que vem trazendo novos desafios e descobertas à escola e também aos professores que a recebe.

A criança com TEA apresenta um jeito próprio de aprender, então o professor da educação infantil ao receber esta criança deve buscar entender “esse jeito próprio de aprender” para que através de métodos de ensino apropriados favoreça a inclusão da criança com TEA na aprendizagem proposta para a classe. Outro aspecto importante a ser observado pelo professor é o estímulo ao convívio social que a escola oportuniza a partir da interação entre as ~~que~~ crianças. Nesse momento é importante validar e compreender as singularidades comportamentais que cada criança apresenta.

Nessa direção, Cunha (2013, p. 24), diz que é conveniente que o docente procure observar atentamente seu aluno, quando o mesmo demonstrar algumas das características comportamentais a seguir: “extrair-se e isolar-se das outras pessoas; não manter contato visual; desliga-se do ambiente externo; resistir ao contato físico; inadequação a metodologia de ensino; não demonstrar medo diante de perigos; não responder quando for chamado; hiperatividade física”. A partir de identificar as citadas características no comportamento da criança o professor deverá informar a família e sugerir que a mesma seja encaminhada ao

especialista e ao se diagnosticar que a mesma apresenta TEA, deverá a escola e o professor adotar procedimentos didáticos específicos ao trabalho com crianças com esse diagnóstico.

Vale destacar, que mesmo o professor não sendo um especialista no assunto, cabe a ele buscar informações e conhecimentos científicos sobre o assunto, visto a necessidade da realização de um trabalho educativo pautado no conhecimento não no achismo e nos mitos que atravessam a prática pedagógica do desconhecido. É necessário que o professor entenda que o seu dever não será apenas o de inserir a criança com TEA na sala de aula. A criança ao ser inserida em sala de aula o professor da classe deve desenvolver práticas pedagógicas voltadas ao atendimento das necessidades de aprendizagem da criança diagnosticada com TEA. Como destaca Uchôa,

Após a criança ser diagnosticada muitas escolas ainda tem certa dificuldade de aceitar crianças com algum tipo de deficiência, como observado em algumas escolas que afirmam que as crianças da educação infantil davam “trabalho” e com outra criança com alguma deficiência dificultaria na aprendizagem das demais. (2015, p. 18)

Ressaltando que muitas famílias ainda encontram dificuldades para matricular seus filhos com deficiência em algumas escolas, sendo que a mesma tem o direito de ser matriculada em escola regular assegurado na Lei nº 12.764/2012.

Sanini e Bosa (2015, p. 3) ressaltam ainda que,

É a educação infantil que representa um grande desafio para o professor porque é nessa etapa que geralmente a família recebe o diagnóstico de autismo. Desta forma, é a professora desse nível de ensino quem primeiro deve lidar com o impacto desta experiência.

A educação infantil então é caracterizada, simplesmente, como a fase em que toda criança ingressa em um grupo social, distante de todo aconchego e proteção familiar. Com isso é estabelecido novos costumes, maneiras de se relacionar e de como se comportar, aumentando, conseqüentemente, o acervo das experiências vividas pela criança, mas também existe nesse período o grande aumento de seus medos, como o de seus familiares. Assim, o processo de inclusão retrata um grande desafio para a escola, para o professor e para a família.

Apesar da legalidade sabe-se da existência de diversos questionamentos sobre a inclusão da criança com TEA na escola regular. Os questionamentos vão das condições físicas inadequadas da escola ao despreparo da equipe pedagógica em lidar com a situação que em alguns casos mostra-se inédito e em outros se repete.

Chiote (2015, p. 46), ao falar sobre o processo de aprendizagem da criança com TEA argumenta que,

Tendo em vista que o processo de aprendizagem se dá nas condições concretas de vida dos sujeitos, partilhado nas relações de ensino, consideramos que, na mediação pedagógica, o modo como o professor conduz o processo, mediando a participação da criança com Autismo, pode favorecer ou restringir as aprendizagens, o que consequentemente impulsiona ou limita o desenvolvimento dessa criança.

A relação do professor com o aluno é um dos pontos mais importantes para que a inclusão escolar ocorra de forma menos traumática. A partir do momento em que a criança se sente acolhida pelo professor e se estabelece uma boa relação entre ambos, poderá despertar o desejo de conhecer aquele universo novo em sua vida. Outro fator importante é a interação da mesma com as demais crianças, uma vez que a aprendizagem acontece também nas experiências compartilhadas.

2.2 Considerações sobre o processo de inclusão da criança com TEA

Nos últimos anos, houve um crescente interesse sobre o processo de inclusão da criança com TEA, visto que a escolarização dessas crianças vem sendo um dos principais espaços indicados pelas mais diversas concepções e formas para interpretar seu desenvolvimento, sua evolução e também as expectativas educativas de como será alcançada as propostas de inclusão a partir das abordagens realizadas com a criança.

Foi a partir da década de 1970 que passou a ter um escasso crescimento e avanço dos serviços especializados para o atendimento das pessoas com deficiência, nesse período baseavam-se na ideia de que todas as pessoas tinham direito de conviver com as demais, porém, antes disso era necessário que fossem preparadas e adequadas para o meio social.

Então, a criança com TEA possuía um local determinado pela sociedade onde a mesma tinha apenas acesso a espaços clínicos que eram realizados procedimentos no padrão comportamental, esta ideia ainda permanece no imaginário da sociedade até hoje em dia.

Na segunda metade da década de 80 do século passado, foi lançado o movimento de inclusão que trouxe melhorias para o segmento educacional com algumas políticas que garantiam o acesso universal a educação, ou seja, educação um direito de todos.

Como anteriormente já dito para que seja trabalhada a inclusão da criança com TEA é necessário que haja um ambiente escolar adequado à importância de questões básicas a respeito da indispensabilidade sobre os aspectos que deve ter uma sala de aula inclusiva. Além das condições materiais e espaciais adequadas não se deve negligenciar as questões de ordem pedagógicas, ou seja, os procedimentos metodológicos, as ações pedagógicas, que

devem possibilitar aos alunos o acesso igualitário a um currículo básico e a ações pedagógicas de qualidade.

É importante dizer que a família assume papel relevante no processo de inclusão, pois é determinante que a mesma permaneça envolvida de modo direto nos projetos de inclusão da escola. Não se deve deixar de lembrar que o nascimento de uma criança com deficiência traz diversas atitudes e sentimentos a família, causando também nesse momento uma confusão emocional, a qual é necessária alcançar o equilíbrio através da aceitação do fato. Considerando ainda, que no processo de inclusão da criança com Autismo no ambiente escolar, familiar e escolar é preciso um trabalho conjunto. De modo a assegurar que a criança se sinta segura e acolhida no novo ambiente e conseqüentemente o seu desenvolvimento social, emocional e cognitivo ocorra de forma tranquila.

Quando se é trabalhado em conjunto é nítido que propõem a criança melhores oportunidades na evolução de suas capacidades, seja qual for a dificuldade, por isso há necessidade de pais e professores desempenharem papéis importantíssimos no desenvolvimento da educação dessa criança.

Conforme Figueira (2011, p. 97),

Uma das primeiras formas será que os professores consigam a ajuda de um membro da família que irá fazer a “lição de casa” com a criança, fazendo uma revisão do que foi feito na sala de aula nesse dia. Seria muito bom se os pais tivessem atitudes como essas: participar de reuniões da equipe escolar para planejar, [...]. Ao lado disso, a escola deverá desenvolver informações sobre os serviços de apoio à família. Nessa interação escola/família, a inclusão escolar obterá muito mais êxitos.

Conforme abordado na citação a importância da família de sempre trabalhar junto com os professores para que de fato haja uma inclusão com a criança com TEA, pois a partir do momento em que os pais começam a participar de todo processo educativo o avanço no desenvolvimento da criança será mais satisfatório.

Outro aspecto que a escola deve observar é o de que ela deve disponibilizar para o professor materiais didáticos diversificados, materiais lúdicos, recursos audiovisuais, espaço físico adequado para se trabalhar com a criança, entre outros recursos que podem enriquecer a qualidade do ensino e a inclusão da criança com TEA na educação infantil.

Segundo Barbosa (2014, p. 45),

Para a inclusão escolar se efetivar é preciso que o indivíduo tenha acesso à escola regular, possibilitado através de diversos documentos legais, como vimos anteriormente. Em se tratando do educando com TEA, houve, em 2012, a promulgação da Lei nº 12.764, sendo este o primeiro documento oficial a falar especificamente do educando com TEA. Na Lei, é apresentada a política nacional de proteção dos direitos da pessoa com Transtorno do Espectro Autista. O documento,

que relaciona aspectos como critérios relacionados à educação, saúde, moradia e mercado de trabalho, traz um importante legado: igualar o indivíduo à pessoa com deficiência, para todos os efeitos legais.

É possível perceber que foi através da lei federal nº 12.764, acima citada, que avanços foram pontuados para os educandos com TEA. A mesma foi o primeiro documento sobre o assunto e apresenta uma política de proteção para esse público especificamente.

2.3 Ludicidade e suas contribuições para a prática docente com crianças com Transtorno do Espectro Autista

A ludicidade tem uma significativa contribuição no processo de aprendizagem da criança, possibilitando através da prática docente para as crianças com TEA uma maneira de aprender através dela como ganhar e perder, lidando com as frustrações nos jogos, em como esperar pela sua vez, trabalhando e explorando o conhecimento, facilitando assim a convivência entre a criança e o professor. Esses tipos de atividades têm um papel fundamental na estruturação do psiquismo da criança. A ludicidade possibilita que a criança desenvolva não só a imaginação, como também fundamenta afetos, elabora conflitos, ansiedade e possibilita a exploração de habilidades.

Mendes (2015, p. 21) destaca que,

Os alunos com TEA encontram desafios significativos que os colocam em alto risco de não ter experiências essenciais nas atividades lúdicas, o que pode impactar o seu desenvolvimento para toda a vida, o bem-estar psicológico, o funcionamento social e a participação cultural.

Algumas características próprias nas crianças com TEA tornam-se mais evidentes e comuns, como a ausência de habilidades e competências para a interação social e à comunicação, a qual muitas vezes as mantém na solidão, e conseqüentemente isoladas de seu ambiente social. Nessa direção, é fundamental que os professores incluam na sua prática docente atividades lúdicas que possam desenvolver habilidades que contribuam no processo de aprendizagem e conseqüente possa melhorar o vínculo com a criança. Conforme, Ramos (2016, p. 76),

Quando a criança apresenta algum tipo de comprometimento em seu desenvolvimento (como no caso das crianças com deficiência), a dinâmica de aprendizagem da criança se altera e, aquilo que parece ser tão fácil e espontâneo (como brincar e jogar), poderá torna-se um grande desafio.

Sabe-se que no contexto das aprendizagens escolares o jogo apresenta para o desenvolvimento da criança um significativo avanço na atividade motora. A partir dos três

anos de idade a criança já é capaz de dedicar parte do seu tempo à realização de jogos, nessa fase é de se esperar que ela mostre interesse por brinquedos, jogos de encaixe, quebra-cabeças, livros, etc.

Quando a criança não demonstrar nenhum interesse por jogos é necessário então que o professor em sua prática perceba a importância do ambiente escolar e de atividades inclusivas para que o desenvolvimento e a aprendizagem sejam satisfatórios para todo o público, sendo ele com alguma deficiência ou não. Soares (2010, p. 19) enfatiza que,

Sabemos que a atividade lúdica é importante tanto para o aluno “normal” quanto para os portadores de necessidades especiais, pois a brincadeira é uma ação social do ser humano, brincar durante a infância é algo cultural, no qual todas as crianças devem passar por esse processo de ludicidade, sendo assim através da brincadeira, do jogo, ocorre o processo de inclusão de forma natural, pois no momento da brincadeira as crianças se entregam à ação que está acontecendo, do imaginário, do divertimento e interagem umas com as outras. Com isso, independente da limitação, os educandos especiais também gostam, e participam das atividades lúdicas que o professor desenvolve durante as aulas, sendo assim, nada o impede de interagir durante a brincadeira com os demais colegas de classe, só é necessário fazer algumas adaptações dependendo da limitação do educando para que ele se envolva com mais facilidade nas atividades, sejam elas jogos esportivos, brincadeiras de raciocínio, etc.

O professor deve ter conhecimento de que existirão algumas dificuldades mais graves que podem impossibilitar que a criança consiga avançar em determinados momentos, já nas áreas que o comprometimento for menos agressivo pode-se admitir que existam grandes possibilidades de ela superar seus limites com o auxílio da ludicidade na prática pedagógica.

Para Ramos (2016, p. 77) “os jogos e as brincadeiras, quando usados como estratégia de ensino, trazem grande contribuição didática”. Nessa perspectiva, o professor terá como observar o desempenho da criança durante o desenvolvimento dos jogos e brincadeiras, podendo assim verificar princípios importantes para um melhor resultado na condução do ensino e também para uma aprendizagem relevante de seus alunos.

Lopes (2012, p. 36) aborda que:

O jogo, assim como o brinquedo e a brincadeira precisa ser explorado de diversas formas, em várias ocasiões, de acordo com a realidade percebida. Isto significa que um jogo pode ter suas regras modificadas quando necessário, adequando-as a cada necessidade educativa especial, para evitar constrangimento às crianças que, por exemplo, tivessem uma limitação que as impedissem de jogar. Sabe-se que cada indivíduo seja portador ou não de alguma necessidade especial, possui alguma necessidade que se destaca em relação ao outro.

Ao observar o desenvolvimento e a reação da criança nessas situações, deve-se considerar como ela compreende suas experiências e como procura interagir com as demais crianças em sala de aula, a partir dessas observações o professor terá como elaborar melhor

suas práticas pedagógicas voltadas especificamente nesses casos para as necessidades de aprendizagem de cada criança.

A criança com TEA, ao ter o acesso aos jogos e brincadeiras com os demais colegas, tem também a oportunidade de poder demonstrar seus sentimentos, liberando assim suas emoções, onde conseqüentemente poderá desenvolver um sentimento de segurança e auto-realização. Para essas crianças, esses momentos tem uma grande relevância, contudo, para que haja essa relevância e que se tenha adquirido o objetivo proposto na prática do professor, é necessário que o mesmo tenha uma atenção especial para essas crianças onde deverá ser antecipada e previamente planejada.

Desta forma, Coelho (2010, p. 18) aponta que,

As atividades lúdicas e exploratórias, os jogos e as brincadeiras, ajudam a reconhecer as potencialidades de cada um, a desenvolver o raciocínio, a usar os gestos para exprimir ideias, pensamentos e emoções e permitem que a criança entre em contato com seu próprio corpo e com suas possibilidades de movimentação, desenvolvendo assim sua consciência corporal e seu autoconhecimento.

É notável a importância do acompanhamento do professor para o avanço da criança com deficiência, seja ele no âmbito escolar ou não. Pois, a partir do momento que ela passa a interagir e trabalhar com as demais crianças ela perceberá que também tem condições de conviver com as demais, como também pode evoluir com a utilização de jogos e brinquedos na inclusão escolar.

Para Silva, Frighetto e Santos (2013, p. 6) “As brincadeiras são uma ferramenta lúdica para desenvolver o potencial psicomotor, social, afetivo e cognitivo da criança autista. Proporcionando uma sessão prazerosa, respeitando seu nível de desenvolvimento”. O lúdico é fundamental para a educação e para o cotidiano das crianças com TEA. Assim sendo, é imprescindível que os profissionais da educação, e em especial da educação infantil, busquem adquirir novos conhecimentos em como se trabalhar com o lúdico de forma a contribuir na promoção do desenvolvimento integral da criança. Lopes (2012, p. 38) vem destacar a importância da

A ludicidade deve estar presente nas aulas do professor sempre que indicarem que serão eficientes, contribuindo com isso, para a assimilação dos conteúdos e no desenvolvimento integral do educando. Muitas atividades lúdicas auxiliam a criança a abstrair e formar conceitos que não conseguiria por outros métodos de aprendizagem. Ensinar o educando a partir do lúdico permite que ele experimente inúmeras possibilidades e caminhos, pois quando gostamos do que realizamos, aprendemos muito melhor.

Lembrando, entretanto, que às vezes será necessário adaptar as brincadeiras de acordo com a dificuldade da criança com TEA, tanto à sua metodologia, quanto aos recursos utilizados para a sua execução.

Ainda nessa perspectiva, é indispensável destacar a importância do papel do professor como principal mediador durante a realização dos jogos, brincadeiras e atividades lúdicas para o desenvolvimento da aprendizagem do aluno. O professor poderá sempre que necessário intervir, procurando facilitar à criança participar das práticas psicossociais que irão contribuir no seu desenvolvimento. Cipriano e Almeida (2016, p. 1) discutem que

O brincar é a principal forma utilizada pela criança para comunicar-se, expressar-se, relacionar-se e aprender. Contribui de maneira singular para o atendimento a crianças com diagnóstico de Transtorno do Espectro do Autismo (TEA), trazendo formas espontâneas de intervenção nas demandas, deficit e dificuldades apresentadas por elas. O brincar em suas propostas lúdicas vem contemplar o grande número de manifestações do espectro, buscando atender cada criança, em suas particularidades, através do jogo coletivo e individual.

Com isso, nota-se que é preciso que a ludicidade esteja cada dia mais presente nas práticas docentes do professor que trabalha na educação infantil e com exclusividade com a criança com o diagnóstico de TEA. Cipriano e Almeida (2016, p. 13) retratam ainda que

Além do prazer que o universo lúdico traz para as crianças, poder utilizar o jogo, a brincadeira e o brinquedo nas intervenções terapêuticas com crianças com TEA, bem como em suas vivências familiares e sociais, traz como proposta garantir um atendimento humanizado, dentro de um processo leve, que respeita os processos e desejos das crianças, favorecendo a formação de vínculos, o estabelecimento e aprofundamento das relações, sua comunicação e compreensão, expressão de sentimentos e insatisfações, dentro de seu processo de desenvolvimento, visando maior qualidade de vida e que refletirá em várias áreas e aspectos de sua vida.

Dallabona e Mendes (2004, p.2) frisam que “O lúdico permite um desenvolvimento global e uma visão mundo mais real. Por meio das descobertas e da criatividade, a criança pode se expressar, analisar, criticar e transformar a realidade”. Dessa forma, a educação lúdica quando bem aplicada e compreendida, poderá contribuir para a melhoria do ensino e avanço no processo de ensino aprendizagem dos alunos.

Em conformidade com a contribuição da ludicidade para a prática dos professores com crianças com TEA, podemos observar que, ao brincar e jogar, a criança tem a possibilidade de praticar técnicas mentais importantes para sua aprendizagem e desenvolvimento. Portanto, essas atividades que envolvem jogos e brinquedos, favorecem o desenvolvimento socialização, estimulando a compreensão e a participação, por ter o caráter lúdico e despertar algum interesse nestas crianças favorecendo diretamente a sua aprendizagem.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

As respostas obtidas através das entrevistas semiestruturadas realizadas com as quatro professoras de crianças com TEA serão analisadas e separadas por categorias, para que se possa alcançar o objetivo proposto no trabalho e dessa forma, confirmar ou contestar a hipótese levantada anteriormente.

Os dados das entrevistas foram organizados, a partir dos seguintes pontos: Sobre a inclusão de alunos com TEA nos centros de educação infantil; planejamento de atividades direcionadas as crianças com TEA e sobre ser professor de uma criança dentro do espectro.

Primordialmente, torna-se imprescindível evidenciar que serão utilizados nomes fictícios para os informantes, com propósito de que sejam preservadas as suas identidades. Vejamos a tabela abaixo.

TABELA 1 - CARACTERÍSTICAS DAS PROFESSORAS ENTREVISTADAS

Nº	NOMES	FORMAÇÃO	TEMPO DE EXPERIÊNCIA COM CRIANÇAS AUTISTAS
1	Maria	Graduada em Pedagogia	2 anos
2	Joana	Antigo Magistério	4 anos
3	Clara	Graduada em Pedagogia	1 ano
4	Dani	Especialização na área	2 ano

Fonte: Entrevista realizada pela autora com as professoras (2019).

Questionamos as professoras como ocorre a inclusão de alunos com TEA na educação infantil. Sobre este eixo, alcançamos as seguintes respostas:

O professor da educação infantil está sujeito a novos desafios e crianças com autismo é um deles aqui na instituição, por isso a necessidade de aperfeiçoar os conhecimentos através de livros, revistas, internet, formação continuada, etc. Então, evidencia a importância da preparação profissional. (MARIA, 2019)

A inclusão de todas as crianças é de fato extremamente importante e necessário, visto que é na interação criança-criança e adulto-criança, que as mesmas aprendem. [...] A inclusão é de longe apenas a inserção desses alunos na sala de aula, vai muito mais além, é de fato e de direito a garantia de aprendizagem, interação e permanência da criança no convívio da educação infantil. (JOANA, 2019)

Outro aspecto relevante foi o planejamento de atividades direcionadas as crianças com Autismo:

“As atividades são planejadas com base no referencial teórico da educação inclusiva e infantil”. (MARIA, 2019)

“Para planejar as atividades para as minhas crianças autistas, levo em consideração as necessidades da criança, a forma como a criança aprende e os seus interesses”. (JOANA, 2019)

“Não temos professor de AEE na instituição, então pesquisei na internet atividades diferenciadas para trabalhar uma ou duas vezes por semana”. (CLARA, 2019)

“Procuro planejar de acordo com a necessidade do meu aluno com autismo, visando sempre seu aprendizado e a interação com os demais alunos. Faço atividades que trabalhe o lúdico com ele, pois ele desperta sempre um interesse maior quando trabalho dessa forma”. (DANI, 2019)

Ao analisar as respostas dadas percebe-se que as professoras apresentam semelhança em suas respostas, pois destacaram a importância de planejar suas atividades de acordo com a necessidade que o aluno apresenta, visando sempre o aprendizado da criança. Mesmo quando buscam em redes sociais e internet é possível dizer que existe por parte das professoras o desejo de desenvolverem uma ação didática voltada para as necessidades das crianças com TEA.

Ao perguntar sobre como é ser professoras de um aluno com TEA, obtive-se as seguintes respostas:

“Apesar da experiência com outras crianças autistas, vou falar de Sávio que começou este ano. Sávio tem autismo severo e foi juntamente com uma cuidadora do desenvolvimento infantil que o recebemos na sala de pré-escola. Ele necessita do nosso carinho, dedicação, atenção e ensinamentos. Não é fácil, nem está sendo, mas acredito que com paciência a cada dia conseguimos avançar um pouco mais”. (MARIA, 2019)

“Ser professora de crianças autistas é como ser professora de crianças consideradas “normais”, visto que todas são diferentes, aprendem de forma diferente. Com a criança autista é preciso ter uma postura, atividades e diálogo diferenciados. É um novo desafio, onde a cada pequeno avanço, como uma palavra nova pronunciada, ou uma regra compreendida, me invade de alegria e de vontade de aprender”. (JOANA, 2019)

“Minha experiência com criança autista começou esse ano de 2017, quando juntamente com uma cuidadora recebemos na sala uma criança que necessitava de nosso carinho, dedicação, atenção e ensinamentos. Ele era diferente dos demais do grupo, pois, apesar dos seus 5 anos não falava, não entrou na sala em seus primeiros dias na creche e não interagiu com os demais colegas, mostrando muita agitação. [...] As demais crianças se tornaram pequenos professores e colaboravam conosco, ensinando e estimulando-o a participar das brincadeiras e demais atividades. Hoje temos um relacionamento muito bom e muitos avanços na convivência diária com essa criança”. (CLARA, 2019)

“Percebo que aquele desafio que no início veio junto da insegurança e do receio em saber se daria conta do trabalho, hoje mudou bastante apesar das descobertas que a cada dia acontecem vejo que essa criança pôde mudar a minha forma de ver o mundo como professora, ele trouxe a oportunidade para que eu fosse mais além e deixasse o medo de lado, me ensinou muitas coisas e apesar da falta de apoio do município e até mesmo da escola procurei sempre fazer o melhor para ele e para mim também, pois a partir do momento que fui vendo que a criança estava a cada dia mesmo que em passos lentos tendo alguma evolução isso só passou a me motivar mais para querer buscar sempre o melhor para ela, sei que minha experiência ainda é pouca e tenho muito o que aprender, também espero que a instituição um dia seja mais presentes na inclusão dessas crianças e nos dê suportes necessários”. (DANI, 2019)

Nas falas das professoras sobre como elas reagiram ao ensinar uma criança com Autismo, é perceptível que as mesmas destacaram medo, insegurança e o desafio em lidar com o novo. Outro ponto comum nas respostas está relacionado ao carinho, atenção e o cuidado foram priorizados para com a criança com TEA, a partir de então mesmo que em passos lentos as professoras começaram a perceber avanços nas crianças e ver o quão era significativo isso para elas. Traduzem um sentimento de esperança, de gratidão e de esperança de que a está ajudando a criança a superar seus limites.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A inclusão de crianças com TEA é um desafio para as instituições, educadores e também a família. Acompanha-se com essa inclusão uma instigação principalmente por parte dos professores muitas vezes inimagináveis por não terem conhecimentos suficientes sobre o assunto, mas também desperta, em algumas situações o desejo de poder contribuir nessa inclusão mesmo diante de tanta dificuldade.

Esse estudo possibilitou a constatação de que apesar dos professores não apresentarem formações acadêmicas específicas, falta de experiência e pouco conhecimento sobre o assunto, os mesmos demonstram interesses em contribuir na aprendizagem da criança autista, cada uma ao seu modo, através da busca, individual, de conhecimentos para facilitar seu desempenho frente as necessidades da criança.

Evidenciamos ainda, que o impacto da criança com TEA na sala de aula regular, pode ser proveniente da falta de formações para trabalhar com essa criança, que tem afetada três áreas do seu desenvolvimento – a comunicação, a interação e o comportamento.

Por fim, ressalta-se a necessidade de apoio pedagógico, material e pessoal para com a instituição e, principalmente, o professor que vai incluir a criança autista em sala de aula, por parte do poder público. Uma evidencia que precisa ser destacada é a de que apesar de toda

dificuldade vivenciada pelas professoras, as mesmas se esforçam, dentro das condições objetivas encontradas, em oportunizar a criança meios de ajudá-la a minimizar suas dificuldades de interação, de comunicação e de aprendizagem.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, M. O. **Atividade docente em sala de recursos multifuncionais para educandos com Transtorno do Espectro Autista**. 2014. 146 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Alagoas. Centro de Educação. Programa de Pós Graduação em Educação. Maceió - AL, 2014.

CHIOTE, F. A. B. **Inclusão da criança com autismo na educação infantil: trabalhando a mediação pedagógica**. 2 ed. – Rio de Janeiro: Wak Editora, 2015.

CIPRIANO, M. S. ; ALMEIDA, M. T. P. O brincar como intervenção no transtorno do espectro do autismo. **Revista extensão em ação**, Fortaleza, v.2, n.11, Jul./Out. 2016. Edição especial. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/extensaoemacao/article/view/11832/9902>>. Acesso em: 25 set 2019, 21:13:29.

COELHO, V. M. **O jogo como prática pedagógica na escola inclusiva**. Conselheiro Lafaiete – MG, 2010. Disponível em: <http://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/1485/Coelho_Vania_Maria.pdf?sequence=1>. Acesso em: 25 set. 2019, 20:09:54.

CUNHA, E. **Autismo na escola: um jeito diferente de aprender, um jeito diferente de ensinar – idéias e práticas pedagógicas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2013. 144p. : 21cm.

DALLABONA, S. R.; MENDES, S. M. S. **O lúdico na educação infantil: jogar, brincar, uma forma de educar**. Santa Catarina, 2004. Disponível em: <https://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/40138331/O_ludico_na_Educacao_Infantil.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A&Expires=1507949048&Signature=dPk451acxOJG%2BHeHYB3HeUIUOs%3D&response-content-disposition=inline%3B%20filename%3DO_ludico_na_Educacao_Infantil.pdf>. Acesso em: 29 set 2019, 22:56.

FIGUEIRA, E. **O que é educação inclusiva**. São Paulo: Brasiliense, 2011. – (Coleção Primeiros Passos; 343)

LOPES, L. M. **Ludicidade: uma alternativa para a educação inclusiva no ensino regular**. Medianeira – PR, 2012. Disponível em: <http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/4691/1/MD_EDUMTE_I_2012_14.pdf>. Acesso em: 22 set. 2019, 10:50:32.

MENDES, M. A. S. **A importância da ludicidade no desenvolvimento de crianças autistas**. Brasília, 2015. Disponível em: <http://bdm.unb.br/bitstream/10483/15863/1/2015_MariaAlineSilvaMendes_tcc.pdf>. Acesso em: 22 set 2019, 14:24:05.

RAMOS, S. L. V. **Jogos e brinquedos na educação inclusiva:** orientação psicopedagógica. Editora Respel, 2016.

SANINI, C.; BOSA, C. A. **Autismo e inclusão na educação infantil:** Crenças e autoeficácia da educadora. *Estudos de Psicologia*. Rio Grande do Sul, 2015.

SILVA, L. C.; FRIGHETTO, A. M.; SANTOS, J. C. O autismo e lúdico. **Revista Nativa**, Mato Grosso, vol. 1, n.2, 2013. Disponível em: <<http://revistanativa.com/index.php/revistanativa/article/viewFile/81/pdf>>. Acesso em: 23 set 2019, 20:05:54.

Soares, E. M. **A ludicidade no processo de inclusão de alunos especiais no ambiente educacional.** 2010. 33f. Trabalho Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores – 2010. Disponível em: < <http://www.ffp.uerj.br/arquivos/dedu/monografias/EMS.2.2010.pdf>>. Acesso em: 26 set 2019, 17:35:22.

UCHÔA, Y. F. **A criança autista na educação infantil:** desafio e possibilidades na educação inclusiva. 2015. 40f. Trabalho conclusão de curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual da Paraíba. Campina Grande – PB, 2015. Disponível em: <<http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/7959/1/PDF%20-%20Yasmim%20Figueiredo%20Uch%C3%B4a.pdf>>. Acesso em: 29 de set 2019, 14:06:54.